

RENTABILIDADE NA PRODUÇÃO DE SOJA DE UMA PROPRIEDADE RURAL

Andressa Boufleuer¹
Augusto Rieger Lucchese²

RESUMO

No Brasil, a soja é a responsável pela maior parte da renda do País, tanto que este é um dos maiores exportadores e produtores dessa cultura. Tendo em vista o impacto na economia brasileira, o presente estudo tem como tema a rentabilidade na produção de soja de uma propriedade rural, a qual busca analisar os custos de produção da cultura de soja do ano safra 2019/2020. A interrogativa busca saber se a rentabilidade deixada pela produção de soja supera os custos desembolsados pelos produtores, objetivando apurar a rentabilidade da produção de soja em uma propriedade rural. Quando a metodologia deste estudo categoriza-se como uma pesquisa aplicada, qualitativa e quantitativa, através de um estudo de caso. A coleta de dados se deu através da análise documental, entrevistas e observações. Quanto ao referencial teórico, este baseou-se em abordar a atividade agrícola, contabilidade rural e custos na agricultura. Feito o levantamento dos gastos de produção e sua respectiva distribuição em custos fixos e variáveis, realizou-se a apuração das receitas do período. Dando sequência, analisou-se o demonstrativo de resultado do exercício o qual apresentou um lucro satisfatório de aproximadamente quarenta por cento da receita bruta. Sendo assim, concluiu-se que a produção de soja traz grande rentabilidade para a empresa, valendo o investimento realizado.

Palavras-chave: Rentabilidade – Custos – Soja – Propriedade Rural

RESUMEN

En Brasil, la soja es la responsable por la mayor parte de la renta del país, tanto ese es uno de los mayores exportadores y productores de ese cultivo. Con vista en el impacto en la economía brasileña, el presente estudio tiene como tema la rentabilidad en la producción de la soja de una propiedad rural, la cual busca evaluar los costos de producción del cultivo de soja del año cosecha 2019/2020. La interrogación procura saber si la rentabilidad dejada por la producción de soja excede los costos desembolsados por los productores, con el objetivo de determinar la rentabilidad de la producción de soja en una propiedad rural. Cuanto a la metodología este estudio se categoriza con una investigación aplicada, cualitativa y cuantitativa, a través de un estudio de caso. Los datos fueron recogidos a través de análisis documental, entrevistas y observaciones. Cuanto al referencial teórico, se basó en abordar la actividad agrícola, la contabilidad rural y costos en la agricultura. Hecho el levantamiento de gastos de producción y su respectiva distribución en costos fijos y variables, se realizó la apuración de recetas del período. En secuencia

¹ Acadêmica do curso de Ciências Contábeis – 7º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. andressaboufleuer@outlook.com

² Mestre em Ciências Contábeis. Orientador. Professor do Curso de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas Machado de Assis. augustorl@fema.com.br

se analizó el demostrativo del resultado del ejercicio lo cual presentó un lucro satisfactorio de aproximadamente cuarenta por ciento de la receta bruta. Así, se concluye que la producción de soja trae gran rentabilidad para la empresa, que vale la inversión realizada.

Palabras-llave: Rentabilidad- Costos – Soja – Propiedad rural

INTRODUÇÃO

A atividade agroindustrial é um dos setores econômicos que vem se desenvolvendo ao decorrer dos séculos, influenciando significativamente no PIB Brasileiro. Tendo em vista o crescimento no meio tecnológico, nota-se a necessidade por parte dos produtores rurais no que define a legislação quanto a contabilidade rural, a qual pode-se definir como sendo, segundo Crepaldi, “a ciência que estuda e controla o patrimônio das entidades, mediante o registro, a demonstração expositiva e a interpretação dos fatos nele ocorridos, com o fim de oferecer informações sobre sua composição e variação.”(CREPALDI, 2016, s/p). Sendo assim, o presente trabalho aborda como tema a rentabilidade na produção de soja de uma propriedade rural.

O presente trabalho objetiva apurar a rentabilidade da produção de soja em uma propriedade rural, delimitada no município de Cândido Godói – RS, na qual foram analisados os custos de produção da cultura de soja do ano safra 2019/2020. Logo, o estudo conta com os objetivos específicos de mapear a produção de soja, apurar as receitas, mensurar as despesas e apresentar uma demonstração de resultados.

O artigo justifica-se por tratar de uma área de grande perspectiva futura que permite a expansão dos conhecimentos e uma intermediação entre a área contábil e o meio agrícola, que é o forte da economia local. Além disso, a empresa rural na qual foi realizado o estudo teve a oportunidade de contar com uma análise criteriosa sobre os gastos envolvidos na produção da soja, adquirindo conhecimentos que influenciarão num melhor gerenciamento da propriedade. Ainda, terá uma base para dar procedência nos anos subsequentes, podendo aplicar nas demais culturas.

O estudo, segundo sua categorização, envolve uma natureza aplicada através da abordagem de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, com objetivo exploratório e descritivo, seguido por um estudo de caso. No que se trata da geração de dados, são coletados dados por meio de documentação direta (pesquisa de campo) e

indireta (pesquisa bibliográfica). Por conseqüente, a análise e interpretação de dados classifica-se no método de abordagem dedutivo e de procedimento estatístico.

Sendo assim, o presente trabalho aborda na primeira seção o referencial teórico, sendo nele envolvido a atividade agrícola, a contabilidade rural e os custos na agropecuária, e como segunda seção abrange a metodologia, análise dos resultados obtidos na pesquisa e conclusão.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo o presente trabalho abordará o referencial teórico, o qual abrange três tópicos principais, tais como a atividade agrícola, a contabilidade rural e os custos na agropecuária, que serão estudados de modo mais aprofundado.

1.1 ATIVIDADE AGRÍCOLA

A prática agrícola esteve presente no cotidiano da população muito tempo antes de Cristo e vem se desenvolvendo e aperfeiçoando ao longo da história. Para Silva, “as marcas de nossa agricultura apresentam vestígios desde o período Neolítico, com suas atividades sempre muito próximas aos núcleos de residência, muito provavelmente para facilitar cuidados e vigilância.” (SILVA, 2014, p. 33).

No início, a produção era destinada mais ao consumo próprio, plantando segundo Silva, “algum tipo de mandioca, inhame, batata ou milho, de forma empírica.” (SILVA, 2014, p. 33). Ainda conforme o autor, “a sucessão de culturas agrícolas deu importância a partir da chegada dos portugueses em nosso país” (SILVA, 2014, p.37) sofrendo alterações, conforme observa-se na tabela 1.

Tabela 1

A agricultura brasileira	
Cana-de-açúcar	Em 1533, a cidade de São Vicente (São Paulo) implantou o primeiro engenho junto aos primeiros canaviais.
Fumo	Durante o século dezessete surgiram, na Bahia, as primeiras plantações de fumo, mostrando forte adaptação a região.
Cacau	Em 1746, Antônio Dias Ribeiro consegue sementes de Cacau, do colonizador Luiz F. Warneau, e implanta as primeiras áreas de cultivo na Bahia.
Café	Em 1760, portugueses, já conscientes da fertilidade e do clima favorável à cultura do café no Brasil, trouxeram sementes e plantaram no Rio de

	Janeiro, onde se espalhou pela Baixada Fluminense e depois pelo Vale do Paraíba.
Algodão	O cultivo de algodão surgiu praticamente na mesma para o mercado externo se deram em 1760. Inicialmente cultivado no Maranhão, passou a ser cultivado também nas capitanias de Pernambuco e da Bahia.
Soja	A soja veio dos Estados Unidos para o Brasil por volta de 1882, pelas mãos de Gustavo Dutra. Assim como nos Estados Unidos, no Brasil, nessa época, era uma cultura mais voltada ao uso para alimentação animal. Somente a partir de 1960 é que a soja se estabeleceu como cultura economicamente importante para o Brasil.

Fonte: SILVA (2014, p.37).

Conforme dados apresentados na tabela 1, é possível perceber que nos primórdios, eram cultivados produtos para o consumo sem ter experiência sobre o desenvolvimento dos mesmos. Com o passar do tempo, as pessoas passaram a ter um conhecimento prático das culturas, expandindo a economia do país.

Segundo Crepaldi, “a agricultura representa toda a atividade de exploração da terra, seja ela o cultivo de lavouras e florestas ou a criação de animais, com vistas à obtenção de produtos que venham a satisfazer às necessidades humanas.” (CREPALDI, 2016, s/p). Atividade esta que representa grande parte da renda do Brasil, a qual segundo o IBGE “destaca-se um conjunto de produtos agrícolas que vem puxando o crescimento tais como algodão, arroz, cana-de-açúcar, laranja, mandioca, milho, soja e uva. Na pecuária, destaque para suínos e leite.” (GASQUES, 2017, s/p).

Segundo Costa, a agricultura era um ramo pouco desenvolvido na antiguidade, sendo suficiente apenas para a sobrevivência. Com o avanço das tecnologias, o surgimento e a relação a uma empresa agroindustrial, fez com que apenas os produtores com mais renda se desenvolvessem, excluindo naturalmente os minoritários (COSTA, 2007).

Com o crescimento da produção e conseqüente desnivelamento entre os produtores, surgiu a classificação econômica dos produtores rurais, conforme tabela 2:

Tabela 2

Classificação do produtor rural segundo seus ganhos anuais

PRODUTORES RURAIS E EXTRATIVISTAS	
PORTE	RENDA BRUTA AGROPECUÁRIA ANUAL
Miniprodutor	Até R\$ 80 mil
Pequeno produtor	Acima de R\$ 80 mil e até R\$ 160 mil

Médio produtor	Acima de R\$ 160 mil e até 1 milhão
Grande produtor	Acima de R\$ 1 milhão

Fonte: SILVA (2014, p.38)

Tendo em vista o conteúdo apresentado na tabela 2, nota-se que existem diferentes classificações para os produtores rurais e extrativistas, sendo estes classificados em um nível que se organiza em conformidade com a renda bruta anual dos mesmos.

A atividade agrícola é classificada em dois grupos a partir de sua cultura, segundo Rodrigues et. al

Cultura Temporária: são aquelas sujeitas ao replantio após a colheita, possuindo período de vida muito curto entre o plantio e a colheita; como por exemplo: os cultivos de feijão, legumes, trigo, milho, soja, cebola etc.
 Cultura Permanente: são aquelas não sujeitas ao replantio após a colheita, uma vez que propiciam mais de uma colheita ou produção, bem como apresentam prazo de vida útil superior a um ano, como por exemplo: cafeicultura, laranjeira, limoeiro etc. (RODRIGUES et. al 2015, p. 89).

Assim sendo, deverá se analisar o que será cultivado para em seguida classificar o tipo de cultura na qual o produto se enquadra, afim de contabilizar da forma mais adequada.

A produção aumenta a cada período, sendo que para Costa “a produção média por hectare passou de 1.500 kg para 2.766 kg (...) sendo que a cultura que mais cresceu foi a soja.” (COSTA, 2007, p. 66). Esse avanço foi facilitado com o surgimento dos financiamentos pois como cita Costa, “o agricultor costuma ter boa garantia, representada pelas suas terras, e os bancos estão sempre dispostos a emprestar, se o risco for pequeno e os juros forem altos.” (COSTA, 2007, p.72).

Vale ressaltar ainda que o agronegócio ampliou ainda mais a economia do país, pois segundo Costa

a expansão do agronegócio já é absolutamente condicionada ao crescimento de suas próprias exortações, como fica bem claro quando se vê que sua produção excede em muito a capacidade de consumo do país, não havendo mercado para expansão, a não ser o exterior. (COSTA, 2007, p. 220).

Dessa forma, o agronegócio abre oportunidades para novos negócios e diversas fronteiras.

Segundo Crepaldi a atividade agrícola conta com algumas características únicas deste segmento, as quais não são controladas pelo proprietário, mas que demandam uma boa gestão para não causar prejuízos irreparáveis. Dentre estas podemos citar: dependência do clima, correlação tempo de produção versus tempo de trabalho, dependência de condições biológicas, terra como participante da produção, estacionalidade da produção, incidência de riscos, sistema de competição econômica, produtos não uniformes e alto custo de saída e/ou entrada (CREPALDI, 2016).

O governo dispõe para os agricultores órgãos de assistência que buscam auxiliar os produtores de forma gratuita. Nas palavras de Costa, “os empresários que querem trabalhar com eficiência, devem estar sempre em contato com as instituições cuja função principal é difundir tecnologia.” (COSTA, 2007, p. 78).

Segundo a Sebrae “cooperativa é uma organização constituída por membros de determinado grupo econômico ou social que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade.” (SEBRAE,2017, s/p). Costa complementa que “uma boa cooperativa é o melhor instrumento de apoio que existe para os empreendedores rurais.” (COSTA, 2007, p. 79).

As cooperativas disponibilizam serviços e insumos básicos necessários para o desenvolvimento da atividade agrícola. Costa pontua serviços como:

- a) Beneficiamento da produção do cooperado;
- b) Armazenagem de grãos após secagem;
- c) Comercialização da produção com melhores preços;
- d) Compra e fornecimento de insumos; e
- e) Assistência técnica (COSTA, 2007).

Vale ressaltar que nem sempre as cooperativas têm todas as variedades de insumos, o que levará o produtor adquirir em um estabelecimento comercial. Sendo assim, surge o profissional do agronegócio, o técnico de campo, o qual é disponibilizado pelas multinacionais fornecedoras dos insumos. Segundo Costa essas multinacionais “tem o interesse em que o insumo seja bem aplicado, para que produza bons resultados, pois, caso contrário, o agricultor concluirá que o produto não funciona e não comprará mais.” (COSTA, 2007, p. 78).

Segundo Souza e Miranda, no primeiro Simpósio Nacional da Soja,

no Brasil, a produção de soja concentrava-se na região Centro-Sul, sendo o Rio Grande do Sul o principal estado produtor. {...}com a disseminação da cultura de soja, a participação do Rio Grande do Sul na produção brasileira foi decrescendo de forma que, se em 1960 respondia por cerca de 93% da produção nacional de soja, em 1973 sua participação era de 54% e, em 1974 de 48%. (SOUZA; MIRANDA, 1973, p. 17).

Já em 2019, segundo dados da Embrapa, o Brasil passou a ser o segundo maior produtor de grãos. Ainda, convém ressaltar que o Rio Grande do Sul decaiu para o terceiro lugar (EMBRAPA, 2019).

1.2 CONTABILIDADE RURAL

O avanço da tecnologia trouxe a necessidade de decisões mais certeiras, baseadas em dados exatos. Com isso surgiu a contabilidade rural que para Rodrigues et. al, “é utilizada e se constitui como uma importante peça de auxílio aos empresários deste setor.” (RODRIGUES et. al, 2015, p. 20). Ainda segundo os autores, “atividade agrícola, entende-se aquela que explora o solo com o propósito do plantio e produção vegetal.” (RODRIGUES et. al, 2015, p. 20).

Segundo Crepaldi, a contabilidade rural passou a ser uma ferramenta de suma importância no gerenciamento e tomada de decisões das empresas rurais que buscam o desenvolvimento tecnológico. Um dos fatos que expandiu a procura pelos métodos contábeis foi a dificuldade que os agricultores enfrentam ao se deparar com tributações, sendo assim, auxiliados por profissionais especializados na área (CREPALDI, 2016).

A contabilidade busca apurar os resultados com base em um período de um ano que normalmente se encerra no mês de dezembro. Porém, na contabilidade rural isso não ocorre. Segundo Marion, “ao término da colheita e quase sempre, da comercialização dessa colheita, temos o encerramento do ano agrícola,” (MARION, 1992, p. 24) isso porque, nas palavras do autor, “se o exercício social fosse encerrado antes da colheita, {...} teríamos plantas em crescimento, o que seria difícil de avaliar.” (MARION, 1992, p. 25)

A fim de mensurar os resultados obtidos, Crepaldi destaca

a Demonstração do Resultado do Exercício, conforme a Lei nº 11.941/09, junto ao Balanço Patrimonial, que constitui-se num relatório sucinto das operações realizadas por uma empresa rural durante determinado período

de tempo, constatando nele um dos valores mais relevantes: o resultado líquido. (CREPALDI, 2016, s/p).

Relatório este, que engloba todas as despesas do período, custos de produção, receitas obtidas e tributações correspondentes a atividade realizada.

Outro fato relevante é o cálculo de desgaste dos bens decorrentes dos fenômenos naturais ou não, presentes na demonstração do resultado do exercício. Para Rodrigues et. al “somente se pode falar em depreciações em casos de empreendimento próprio da empresa e do qual serão extraídos apenas os frutos.” (RODRIGUES et. al, 2015, p. 102).

Em vista da execução das tarefas agrícolas contar com o auxílio de maquinários, os quais também sofrem desgasto, é essencial saber sobre os conceitos. Segundo Marion, “em virtude de entressafra, chuvas, geadas, ociosidades, recomenda-se a apropriação por hora, estimando-se um número de horas de trabalho por equipamento, em vez da quantidade de anos de vida útil.” (MARION, 1992, p. 66).

Por outro lado, ainda segundo Rodrigues et. al, na exaustão “não se tem a extração de frutos, mas a própria árvore é ceifada, cortada ou extraída do solo, correspondendo à perda do valor, decorrente de sua exploração.” (RODRIGUES et. al, 2015, p. 111).

Ainda é importante conhecer a amortização, que segundo Rodrigues et. al, é utilizada na “aquisição de direitos sobre empreendimentos de propriedade de terceiros, apropriando-se o custo desses direitos ao longo do período determinado, contratado para a exploração.” (RODRIGUES et. al, 2015, p. 110).

1.3 CUSTOS NA AGROPECUÁRIA

A contabilidade de custos, para Santos et al, é aquela que, “como a própria denominação induz, cuida dos custos da empresa, não tendo sua atenção voltada para as despesas.” (SANTOS et. al, 2009, p. 31). Já o custo, para Crepaldi “são gastos (ou sacrifícios econômicos) relacionados com a transformação de ativos.” (CREPALDI, 2016, p.106).

Antes de se dar continuidade nas classificações e demais informações relacionadas aos custos, é fundamental entender a diferença entre investimento, perda, despesa e custo.

Os investimentos para Crepaldi são os “gastos com bens ou serviços ativados em função de sua vida útil ou de benefícios atribuíveis a períodos futuros,” (CREPALDI, 2016, p. 107) como por exemplo, imóveis e benfeitorias, treinamento e educação de pessoal, entre outros.

Segundo o autor Crepaldi, as perdas “são gastos não intencionais decorrentes de fatores externos fortuitos.” (CREPALDI, 2016, p. 108). Marion complementa que

a ocorrência desses fatos provoca a perda de capacidade parcial e, em alguns casos, até total; deve, sem dúvida, ser baixada do Ativo Permanente e ser considerada como perda do período, indo diretamente para o Resultado do Exercício, mesmo que tal perda esteja coberta por seguro, não importando se culturas formadas ou em formação. Essas perdas serão classificadas como Despesas Não Operacionais. (MARION, 1992, p. 43).

Vale ressaltar que as perdas decorrentes de estiagem, não são classificadas da mesma maneira, mas sim como sendo custo de produção.

As despesas são facilmente confundidas com os custos. Marion identifica as despesas como “todos os gastos não identificáveis com a cultura, não sendo, portanto, acumulados no estoque, mas apropriados como despesas do período,” (MARION, 1992, p. 37) sendo identificados por Santos, Marion e Segatti “três tipos de despesa: de vendas, administrativas e financeiras.” (SANTOS ET AL, 2009, p. 29).

Por outro lado, nas palavras de Crepaldi, os custos são “gastos relativos a bens ou serviços utilizados na produção rural” (CREPALDI, 2016, p. 107) que segundo Santos, Marion e Segatti “identifica-se com o produto produzido ou serviço prestado.” (SANTOS ET AL, 2009, p. 29). Vale destacar ainda que os custos de uma produção agrícola são divididos de diferentes forma observando alguns elementos específicos.

A primeira classificação a ser estudada é quanto à identificação do material com o produto, podendo ser classificada em dois grupos:

- a) Custos diretos: Para Crepaldi, “são aqueles que podem ser diretamente (sem rateio) apropriados aos produtos agrícolas, bastando existir uma medida de consumo.” (CREPALDI, 2016, p. 108). Ainda para complementar Santos, Marion e Segatti, definem como sendo aqueles “identificados com precisão no

produto acabado, através de um sistema e um método de mediação, e cujo valor é relevante.” (SANTOS et. al, 2009, p. 33).

- b) Custos Indiretos: para Santos, Marion e Segatti, “são aqueles necessários à produção, geralmente de mais de um produto, mas alocáveis arbitrariamente, através de um sistema de rateio, estimativas e outros métodos.” (SANTOS et. al, 2009, p. 33).

Outra classificação é quanto à variação quantitativa da despesa em conforto com a quantidade produzida. Esta, também é distribuída em dois grupos distintos:

- a) Custos variáveis: segundo os autores Santos, Marion e Segatti, “são aqueles que variam em proporção direta com o volume de produção ou área de plantio,” (SANTOS et. al, 2009, p.33) ou seja, conforme aumenta a produção, conseqüentemente aumentará o custo.
- b) Custos fixos: ainda nas palavras dos autores anteriores, “são aqueles que permanecem inalterados em termos físicos e de valor, independente do volume de produção e dentro de um intervalo de tempo relevante.” (SANTOS et. al, 2009, p.33).

Segundo Crepaldi, “a lei comercial é omissa quanto ao procedimento para determinação do custo dos produtos vendidos e em estoque. Porém, no Brasil, o custeio por absorção é amplamente aceito, variando apenas o grau de absorção.” (CREPALDI, 2016, s/p).

Tendo por base os estudos de Crepaldi, o custeio por absorção engloba todos os custos destinados a produção do período, excluindo as despesas pois não são consideradas gastos produtivos (CREPALDI, 2016). Santos, Maron e Segatti complementam que estes são os custos “levantados pela contabilidade de custos tradicional, a fim de mensurar monetariamente os estoques de produtos acabados ou ainda em exploração e, ao fim de um exercício ou intervalo de tempo, apurar o resultado contábil da empresa.” (SANTOS et. al, 2009, p. 35).

Tendo em vista ainda os estudos de Crepaldi,

O custeio por absorção segue os seguintes passos:

- a. separação dos gastos do período em custos e despesas;
 - b. classificação dos custos em diretos e indiretos;
 - c. apropriação dos custos diretos aos produtos agropecuários;
 - d. apropriação, através de rateio, dos custos indiretos de produção.
- (CREPALDI, 2016, p. 252).

Dessa forma, o autor desenvolveu um esquema para melhor visualização de sua ideia em relação ao custo de absorção, conforme ilustração 1:

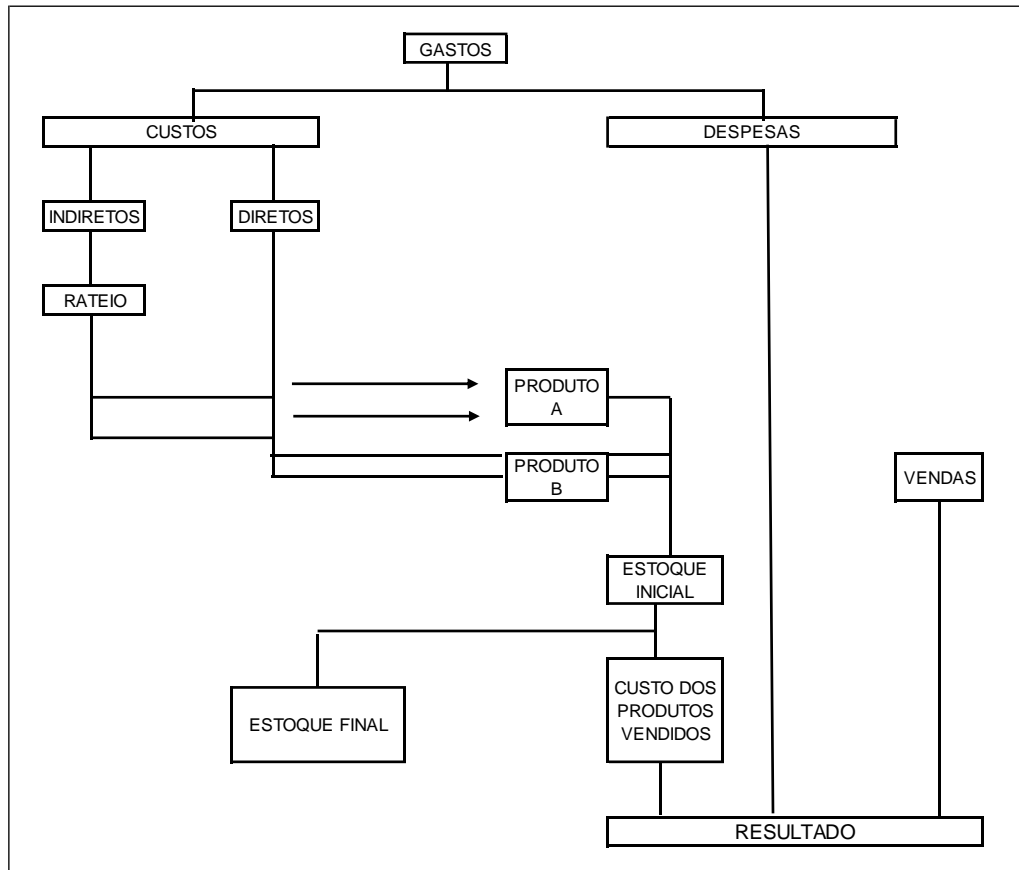


Ilustração 1: Fluxos de despesas e custos para apuração de resultado por custeio
 Fonte: CREPALDI (2016, p. 253)

Com base na ilustração apresentada, Crepaldi afirma “que as despesas todas vão para o resultado do período, enquanto os custos somente são lançados ao resultado na parte correspondente aos produtos vendidos, permanecendo o restante como estoque.” (CREPALDI, 2016, p. 253).

2 METODOLOGIA

Neste capítulo será adorado a metodologia, incluindo a categorização da pesquisa, geração dos dados, análise e interpretação dos dados.

2.1 CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa científica é classificada em vários grupos pela estrutura que apresenta. Quanto a natureza, pode ser distinguida em aplicada ou básica. O estudo a ser realizado aborda a aplicação pelo fato de que, segundo Prodanov e Freitas, “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos.”(PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Com base em Pereira, no que se refere a abordagem do problema, também existem duas divisões:

Pesquisa quantitativa: sob este enfoque tudo pode ser mensurado numericamente, ou seja, pode ser traduzido em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.);

Pesquisa qualitativa: parte do entendimento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PEREIRA, 2019, s/p).

Portanto, tendo em vista a descrição do autor, pode-se definir o estudo como sendo uma pesquisa quantitativa que abordará a coleta e análise de dados numéricos.

Quanto ao objetivo, a pesquisa pode ser dividida em exploratória, descritiva e explicativa, envolvendo no trabalho apenas as duas primeiras. A pesquisa exploratória é abrangida pelo fato de envolver segundo Pereira “levantamento bibliográfico ou entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.” (PEREIRA, 2019, s/p). Enquanto que por outro lado, ainda segundo o autor, a descritiva “envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.”(PEREIRA, 2019, s/p).

Os procedimentos técnicos são as formas como são coletados os dados da pesquisa, os quais são classificados em dois grupos e diversas subdivisões. Os quais são, segundo Prodanov e Freitas

{...}aqueles que se valem das chamadas fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos

por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante). (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54).

Sendo assim, para Prodanov e Freitas o estudo abordará o procedimento de estudo de caso pois “possui uma metodologia de pesquisa classificada como aplicada, na qual se busca a aplicação prática de conhecimentos.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.60).

2.2 GERAÇÃO DE DADOS

Em decorrência do presente trabalho ser uma pesquisa-ação, será necessário coletar dados que darão suporte ao objetivo do mesmo. Posto isso, dizem Marconi e Lakatos, que “(...)deve-se relacionar no projeto os instrumentos referentes às técnicas selecionadas para a coleta de dados”,(MARCONI; LAKATOS, 2017, s/p) técnicas estas que podem ser definidas como, segundo os autores, o “(...)conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; consistem também na habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos.” (MARCONI; LAKATOS, 2017, s/p). Esta coleta, divide-se em documentação direta e indireta.

O presente estudo teve seus dados coletados através de uma entrevista não padronizada com o proprietário, na qual foram apresentados todos os documentos fiscais oriundos de gastos para a realização da atividade e ainda levantamento da técnica de trabalho utilizada na propriedade. Ainda, contou com posterior acompanhamento à campo do desenvolvimento das atividades rurais.

Uma vez mapeado os dados, foi elaborado planilhas distinguindo os custos e receitas obtidas. E para finalizar, confrontou-se as despesas com receitas afim de se descobrir a lucratividade alcançada na safra de soja 2019-2020.

2.3 ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Segundo os autores Marconi e Lakatos, a análise e interpretação dos dados são métodos que classificam a pesquisa em níveis de acordo com sua finalidade, abstrações, entre outros fatos, podendo ser classificados em dois grupos distintos: método de abordagem (indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético) e método

de procedimentos (histórico, comparativo, monográfico, estatístico, tipológico, funcionalista, estruturalista, etnográfico e clínico) (MARCONI; LAKATOS, 2010).

De acordo com o que dizem os autores anteriores, o presente estudo contempla o método de abordagem dedutivo por “partir das teorias e leis, na maioria das vezes predizendo a ocorrência dos fenômenos particulares.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p 88). Por outro lado no que consiste os métodos de procedimentos, enquadrados o estatístico em virtude de, nas palavras de Marconi e Lakatos “significar redução de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos etc. a termos quantitativos e a manipulação estatística.” (MARCONI; LAKATOS; 2010, p. 90).

Tendo por base as afirmações apresentadas, pode-se dizer que a pesquisa traz inicialmente um estudo teórico sobre o assunto para posteriormente realizar um estudo de caso, através de contato direto com a propriedade rural afim de elaborar planilhas e levantamento dos dados necessários para a execução do projeto, por meio da técnica de análise comparativa dos dados.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O referente capítulo abordará uma breve descrição da propriedade estudada e da metodologia de trabalho utilizada pela administração. Ainda, contemplará os custos e despesas decorrentes da safra 2019-2020 para posteriormente apurar as receitas e chegar ao resultado obtido pela empresa agrícola ao final do ciclo cultura da soja.

3.1 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido em uma propriedade rural localizada no noroeste do Rio Grande do Sul, com mais de cinquenta por cento da produção focalizada no município de Campina das Missões - RS. As atividades rurais são realizadas pela família do proprietário sem o auxílio de colaboradores terceirizados.

Atualmente a propriedade é composta por 169 hectares de terra própria, sendo 2,5 hectares destinadas a instalação da sede, moradia e criação de animais para a subsistência, e ainda, 24 hectares arrendadas. Sendo, do total geral, apenas 164 hectares utilizadas para o plantio de soja, milho e trigo.

A fazenda contempla um alto ativo imobilizado em virtude de possuir todos os implementos necessários para o desenvolvimento das culturas. Dentre esses pode-se citar os galpões destinados aos maquinários e armazenamento dos insumos, o caminhão responsável por fretar a produção da lavoura até a cooperativa, plantadeira, semeadeira, colheitadeira, tratores e demais implementos utilizados para o aperfeiçoamento das terras.

A administração é realizada pelo próprio dono, o qual trabalha com a compra antecipada dos insumos, ou seja, a negociação ocorre sempre no ano anterior ao ano em que de fato irá se realizar o plantio da cultura. Esse método proporciona uma redução nos custos por contar com preços mais baixos e na maioria das vezes por ocorrer o pagamento à vista.

Após entrevista realizada com o proprietário, foi realizado o mapeamento do ciclo da soja e o respectivo processo produtivo de cada estágio, conforme ilustração 2:

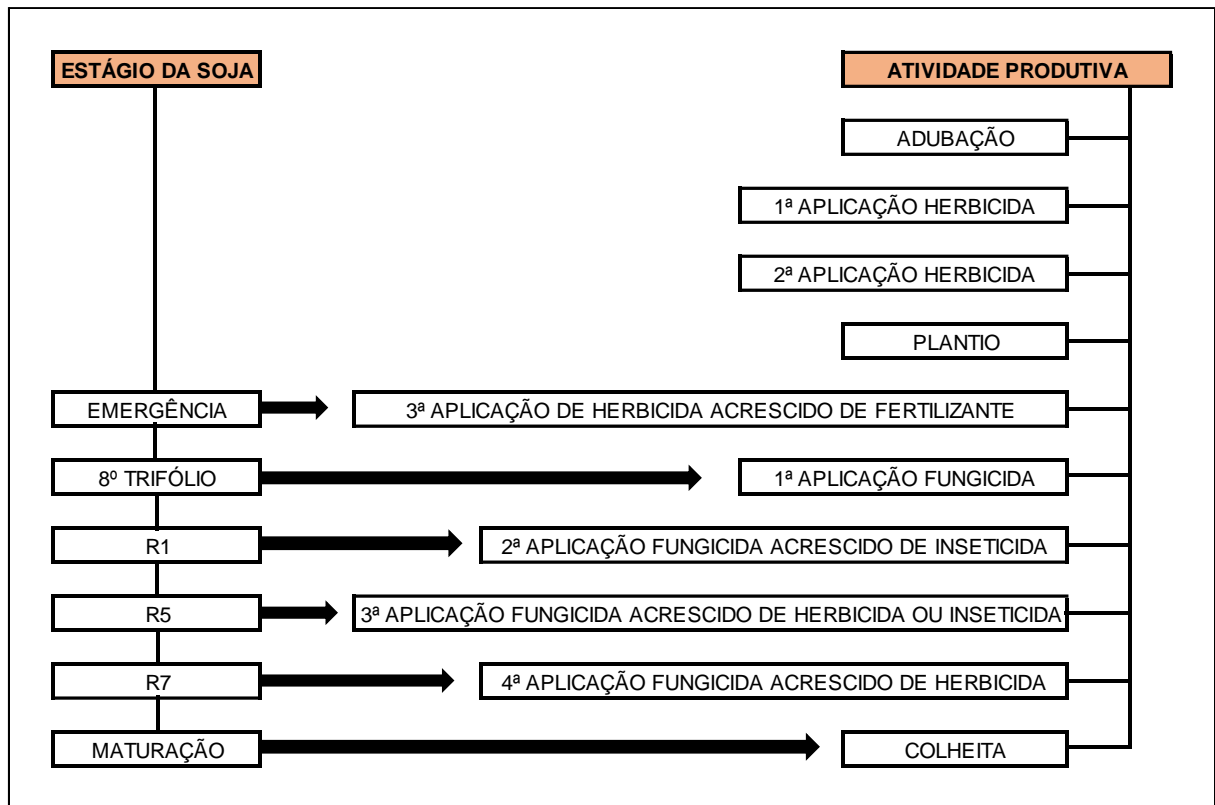


Ilustração 2: Ciclo produtivo

Fonte: produção do autor

A safra de soja 2019-2020 teve seu início com a aplicação de adubo com propósito de aumentar a fertilidade da terra. Em novembro deu-se início a primeira

aplicação de herbicida, sendo seguida pela segunda dose após cinco dias e a terceira após a emergência da soja, acompanhada de fertilizantes. Com a soja já no seu oitavo trifólio, é realizada a primeira aplicação de fungicida, tendo a segunda dose no estágio R1 acompanhada de inseticida. A terceira aplicação compõe fungicida e herbicida no estágio R5, apenas nas variedades e ciclos precoces ou ainda, nos ciclos mais tardios, a terceira aplicação é composta por fungicida e inseticida. Na quarta aplicação do fungicida também é misturado o herbicida no estágio R7, porém essa aplicação foi realizada em parte da produção pois dependendo da variedade de soja não é necessário a última aplicação. E para finalizar o ciclo, ocorreu a colheita e destinação da produção.

3.2. APURAÇÃO DAS DESPESAS E RECEITAS

Segundo entrevista com o proprietário, a administração da propriedade é feita através de uma média geral aproximada, sem apontamentos e controle específico. Tendo ciência do fato, o proprietário forneceu todas as notas fiscais dos gastos e receitas referentes a safra de soja 2019-2020, afim de que a acadêmica pudesse fazer o levantamento das despesas e posteriormente a lucratividade obtida por cada hectare.

Dando início ao período da safra de soja, foi realizado a aplicação de dois tipos de adubos com a finalidade de fornecer os nutrientes necessários para o desenvolvimento da planta e uma melhorar a produtividade, conforme tabela 3:

Tabela 3

Insumo adubo

INSUMO	ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (t)	UNITÁRIO (R\$)	TOTAL (R\$)	%
ADUBO	SUPER SIMPLES	36,50	960,00	35.040,00	53,14
	CLORETO POTÁSSIO	18,50	1.670,00	30.895,00	46,86
TOTAL GERAL		55,00	1.198,82	65.935,00	100,00

Fonte: produção do pesquisador

Analisando a tabela é possível notar que o cloreto possui um valor de aquisição muito mais elevado em decorrência de sua composição, quando comparado ao adubo simples, porém é utilizado em quantidade menor. Em virtude

disso, os dois produtos acabam quase se igualando no impacto do total do valor destinado a recuperação do solo.

O cloreto de potássio foi espalhado antes do início do plantio com o intuito de aumentar a fertilidade da terra e promover um melhor desenvolvimento da planta. O adubo super simples possui a mesma finalidade, porém, foi colocado na linha de plantio junto com a semente.

Na tabela 4 são apresentadas as variedades de sementes cultivadas na safra 2019-2020:

Tabela 4

Variedades da soja

INSUMO	ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE (KG)	UNITÁRIO (R\$)	TOTAL (R\$)	%
SEMENTE	SEMENTE SOJA LANÇA	800,00	6,88	5.500,00	17,65
		250,00	7,40	1.850,00	5,94
	SEMENTE SOJA BMX RAI0	800,00	5,95	4.760,00	15,28
	SEMENTE SOJA BRASMAX ZEUS	1.200,00	6,55	7.860,00	25,22
	SEMENTE SOJA 5752	800,00	7,45	5.960,00	19,13
	SEMENTE SOJA 15B70	400,00	10,08	4.032,00	12,94
	SEMENTE SOJA CASEIRA 6410	800,00	1,50	1.200,00	3,85
TOTAL GERAL		5.050,00	6,17	31.162,00	100,00

Fonte: produção do pesquisador

O produtor rural trabalha com diferentes variedades de soja pelo fato de cada variedade se adaptar a climas diferentes e ciclos produtivos mais curtos ou mais longos. Esse método traz grandes benefícios como por exemplo, em um ano de seca, algumas sojas são mais resistentes, ocasionando um prejuízo menor.

Analisando os dados levantados, nota-se que a semente Zeus representa um quarto do valor total gasto na compra de todas as variedades, sendo também comprada em maior quantidade. Segundo o produtor, esta variedade é a de melhor qualificação no mercado atualmente, justificando a pequena diferença na quantidade em relação das demais.

Focando no valor unitário, pode-se afirmar que a semente caseira torna-se muito mais barata comparada a qualquer variedade comprada, enquanto que a variedade 15B70 é a de maior valor, tendo uma diferença de R\$ 8,58 no quilo comparando esses dois tipos de semente.

Dando sequência ao ciclo de plantio, são aplicados os defensivos agrícolas acompanhados de fertilizantes, com o intuito de evitar ou eliminar as pragas que possam vir a danificar a produção e gerar prejuízos relevantes. Na tabela 5 encontra-se a relação completa destes insumos utilizados:

Tabela 5

Relação de agrotóxicos

INSUMO	ESPECIFICAÇÃO	UN	UNITÁRIO (R\$)	TOTAL (R\$)	%	UN MEDIDA
DEFENSIVO	OPERA FUNGICIDA	90,00	75,00	6.750,00	13,50	L
	ASSIST EC OLEO MINERAL	120,00	15,50	1.860,00	3,72	L
		240,00	14,80	3.552,00	7,11	L
	VERSATILIS	60,00	142,00	8.520,00	17,05	L
	ROUNDUP WG HERBICIDA	120,00	26,50	3.180,00	6,36	KG
		10,00	27,00	270,00	0,54	KG
	HELMOXONE PARAQUAT	500,00	13,50	6.750,00	13,50	L
	KIT GOOD SPRAY	10,00	125,60	1.256,00	2,51	L
	ORKESTRA	40,00	272,60	10.904,00	21,81	L
	STATUS	150,00	42,00	6.300,00	12,60	L
APRON RFC	1,00	132,00	132,00	0,26	L	
STANDAK TOP	1,00	510,00	510,00	1,02	L	
TOTAL DEFENSIVOS		1.342,00	37,25	49.984,00	100,00	
FERTILIZANTE	FERT MIN SOYASSED NEW	5,00	245,00	1.225,00	13,32	L
	INOCUL ALADIN	39,00	70,00	2.730,00	29,69	L
	FERT MIN GENIUM PLUS	40,00	123,50	4.940,00	53,72	L
	INOCUL ADHERE 60 TURFA	6,00	50,00	300,00	3,26	KG
TOTAL FERTILIZANTES		90,00	102,17	9.195,00	100,00	

Fonte: produção do pesquisador

Os defensivos agrícolas englobam um alto valor monetário comparado aos fertilizantes, sendo a diferença de 68,92%, sendo consumidos também em quantidade superior. Uma das explicações desse percentual elevado é o fato de que os fertilizantes são aplicados apenas uma vez após a emergência da soja, ou seja, após o nascimento da planta.

Segundo o agricultor a grande diversidade de produtos ocorre em virtude de cada um deles possuir diferentes funções, como por exemplo, o Orkestra e o Versatilis tem o objetivo de curar a planta doente, enquanto que o Status deixa o residual na planta, evitando pragas e doenças.

Tendo em vista que o trabalho na propriedade é realizado familiarmente, o dono investiu em seu ativo imobilizado de forma que atualmente todas as atividades agrícolas são realizadas com maquinário próprio. Na tabela 6 constam os ativos imobilizados envolvidos no processo da cultura da soja:

Tabela 6

Relação dos ativos e depreciação

ATIVO	AQUISIÇÃO		DEPRECIÇÃO				
	ANO	VALOR (R\$)	TAXA ANUAL	ANUAL (R\$)	SOJA (R\$)	ACUMULADA (R\$)	ACM %
CAMINHONETE F100	2000	8.500,00	20%	1.700,00	850,00	8.500,00	100,00%
PLANTADEIRA HIPER PLUS	2009	42.000,00	10%	4.200,00	2.100,00	42.000,00	100,00%
TRATOR CASEI	2010	90.000,00	25%	22.500,00	11.250,00	90.000,00	100,00%
COLHEITADEIRA MASSEY	2012	290.000,00	10%	29.000,00	14.500,00	217.500,00	75,00%
TRATOR JOHN DEERE	2015	104.000,00	25%	26.000,00	13.000,00	104.000,00	100,00%
PULVERIZADOR	2017	40.000,00	10%	4.000,00	2.000,00	10.000,00	25,00%
TRATOR JOHN DEERE	2018	240.000,00	25%	60.000,00	30.000,00	90.000,00	37,50%
CAMINHÃO	2018	125.000,00	25%	31.250,00	15.625,00	46.875,00	37,50%
CARRETÃO ESTACIONÁRIO	2019	34.000,00	10%	3.400,00	1.700,00	1.700,00	5,00%
TRATOR NEW HOLLAND	2019	112.000,00	25%	28.000,00	14.000,00	14.000,00	12,50%
ARMAZEM INSUMOS	1996	35.000,00	4%	1.400,00	700,00	32.900,00	94,00%
ARMAZEM MAQUINÁRIO	2014	28.000,00	4%	1.120,00	560,00	6.160,00	22,00%
TOTAL				212.570,00	106.285,00	663.635,00	

Fonte: produção do pesquisador

Observando o ano de aquisição de cada bem foi possível verificar que a empresa possui bens bastante antigos, justificando o zeramento de alguns maquinários. Contudo, vale ressaltar que a empresa vem investindo muito em seu imobilizado, uma vez que, desde 2017 adquiriu a cada ano novas máquinas com o objetivo de evoluir tecnologicamente e ampliar a produção.

Afim de encontrar o valor da depreciação que se refere a produção da soja, utilizou-se do critério de dividir a depreciação anual em 6 meses, o que equivale ao ciclo completo dessa cultura de produção, lembrando que os implementos são utilizados nas demais produções já citadas.

Convém destacar que a depreciação acumulada foi calculada até junho de 2020, considerando apenas os bens utilizados nesta cultura, descartando os demais imobilizados presentes na propriedade.

A tabela 7 abrange um resumo das despesas fixas e variáveis que o proprietário obteve durante todo o ciclo cultural da soja:

Tabela 7

Despesas Totais

	DESPESA	R\$	%
FIXAS	DEPRECIÇÃO	106.285,00	31,59%
	PRÓ-LABORE	24.000,00	7,13%
	FUNCIONÁRIO	6.065,00	1,80%
	ARRENDAMENTO (24 ha)	26.174,98	7,78%
TOTAL DESPESAS FIXAS		162.524,98	48,31%
VARIÁVEIS	SEMENTES	31.162,00	9,26%
	DEFENSIVOS	49.984,00	14,86%
	FERTILIZANTES	9.195,00	2,73%
	ADUBO	65.935,00	19,60%
	COMBUSTÍVEL	14.895,00	4,43%
	MANUTENÇÃO	2.757,20	0,82%
TOTAL DESPESAS VARIÁVEIS		173.928,20	51,69%
TOTAL GERAL DESPESAS		336.453,18	100,00%

Fonte: produção do pesquisador

As despesas variáveis, composta principalmente pelos insumos, compõe pouco mais que a metade dos custos totais, sendo o adubo o destaque desta categoria. Já as despesas fixas representam um percentual bastante elevado em decorrência da depreciação que representa aproximadamente trinta por cento.

A manutenção dos maquinários, nas despesas variáveis, representa um valor quase insignificante, isso é reflexo de um sistema de trabalho que investe em equipamentos de qualidade e alta tecnologia, renovando o imobilizado e mantendo a revisão dos equipamentos em dia.

Considerando que o plantio da soja abordou um total de 125 hectares, é possível calcular o valor das despesas por hectare. Sendo assim, sabendo que as despesas totais somam R\$ 336.453,18, os gastos gerais por hectare giram em torno dos R\$ 2.691,63

Feito o levantamento dos custos originários da safra de soja 2019-2020, buscou-se, através das notas fiscais fornecidas pelo agricultor, a relação as receitas auferidas no período, conforme tabela 8:

Tabela 8

Receitas totais

NF	EMISSION	NATUREZA	QUANTIDADE (KG)	UNITÁRIO (R\$)	TOTAL (R\$)	DESTINAÇÃO
113931	23/03/2020	COMPRA	15.000,00	1,51	22.624,95	CADERNETA DE POUPANÇA
114385	26/03/2020	COMPRA	70.569,00	1,53	108.205,55	
114383	26/03/2020	COMPRA	55.410,00	1,53	84.500,26	
115485	08/04/2020	COMPRA	73.322,00	1,53	112.426,83	
115487	08/04/2020	COMPRA	14.853,00	1,53	22.774,55	
115492	08/04/2020	COMPRA	30.000,00	1,33	39.999,90	
115495	08/04/2020	COMPRA	30.000,00	1,33	39.999,90	
115573	09/04/2020	COMPRA	11.999,00	1,52	18.198,52	
114033	24/03/2020	COMPRA	9.000,00	1,53	13.725,01	ARRENDAMENTO (24 ha)
114032	24/03/2020	DEVOLUÇÃO	9.000,00	1,38	12.449,97	
115491	08/04/2020	DEVOLUÇÃO	30.000,00	1,46	43.749,91	QUITAÇÃO DE DÍVIDA
115494	08/04/2020	DEVOLUÇÃO	30.000,00	1,46	43.749,91	
RECEITA TOTAL SAFRA DE SOJA 2020/2021			379.153,00	1,48	562.405,26	

Fonte: produção do pesquisador

Em virtude do atual cenário, da cotação do dólar, do preço da soja nas cooperativas agrícolas e da incerteza futura, o empresário rural optou pelo faturamento imediato de toda a produção, aplicando 80% na caderneta de poupança.

Na tabela 8 constam os 18.000,00 quilos de soja destinados ao arrendamento destacado nas despesas fixas. A venda realizada ao preço de R\$ 1,53 o quilo, refere-se ao faturamento da quantia de um arrendamento no qual o pagamento ocorreu com o repasse de dinheiro ao arrendador. Por outro lado, os 9.000,00 quilos à R\$ 1,38, realizou-se a transferência direta de grãos ao bloco do locador. A forma de pagamento do aluguel é negociada individualmente com cada envolvido de forma a proporcionar benefícios para ambas as partes.

As devoluções por fixação de 30.000,00 quilos cada, são decorrentes de transferência de grãos com a finalidade da quitação das parcelas referentes a compra de uma nova lavoura. Vale ressaltar que esse tipo de pagamento é bastante comum na área rural, uma vez que a moeda se desvaloriza ao longo dos anos,

enquanto que o grão pode ser faturado por um preço melhor se envolver uma análise e acompanhamento diário da cotação pelo produtor.

3.3 APURAÇÃO DOS RESULTADOS

Após a mensuração das despesas e receitas da produção de soja, parte-se para a análise final dos resultados obtidos. Na tabela 9 foi calculada a margem de contribuição unitária por saca, levando em consideração que cada saca é de 60 quilos:

Tabela 9

Margem de contribuição	
MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO POR SACA (R\$)	
(+) RECEITA OPERACIONAL	89,00
(-) CUSTOS VARIÁVEIS	27,52
(=) MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO	61,48
% MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO	69,08%

Fonte: produção do pesquisador

A margem de contribuição tem o objetivo de mostrar quanto cada saca contribui para arcar com os custos fixos de produção. Tendo ciência que a margem de contribuição foi positiva, pode-se afirmar que a produção de soja é favorável ao negócio da propriedade. Neste caso, após pagar todas as despesas variáveis, a empresa ainda terá uma sobra de R\$ 61,48 por saca, para pagar as demais obrigações e obter uma lucratividade.

Outra ferramenta gerencial muito importante é o ponto de equilíbrio contábil ou operacional. Esta análise permite ver o ponto no qual as receitas totais serão iguais aos custos totais, ou seja, é o momento em que a receita não terá lucro nem prejuízo. No entanto, o empresário não terá juros pelo capital investido. Na tabela 10 está representado o cálculo:

Tabela 10

Ponto de equilíbrio operacional	
PONTO DE EQUILÍBRIO OPERACIONAL (R\$)	
DESPESAS FIXAS TOTAIS	162.524,98
(/) MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO UNITÁRIA	61,48

(=) PONTO DE EQUILÍBRIO OPERACIONAL	2.643,54
--------------------------------------------	-----------------

Fonte: produção do pesquisador

Através da análise pode-se afirmar que são necessárias aproximadamente 2.644 sacas de soja para cobrir todas as despesas, sem lucros ou prejuízos.

Com o objetivo de verificar o lucro ou prejuízo decorrente da safra de soja 2019-2020, elaborou-se a DRE (Demonstrativo do Resultado do Exercício) conforme tabela 11:

Tabela 11

Demonstrativo do resultado do exercício

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO				
		TOTAL (R\$)	HECTARE (R\$)	SACA (R\$)
(=)	RECEITA OPERACIONAL	562.405,26	4.499,24	89,00
(-)	CPV	171.171,00	1.369,37	27,09
(=)	LUCRO BRUTO	391.234,26	3.129,87	61,91
(-)	DESPESAS ADMINISTRATIVAS	30.065,00	240,52	4,76
(-)	DESPESAS FINANCEIRAS	106.285,00	850,28	16,82
(-)	DESPESAS ARRENDAMENTO (24 ha)	26.174,98	209,40	4,14
(-)	OUTROS GASTOS GERAIS	2.757,20	22,06	0,44
(=)	LUCRO LÍQUIDO	225.952,08	1.807,61	35,75

Fonte: produção do pesquisador

O demonstrativo apresenta o levantamento dos dados de forma geral, por hectare e por saca. O resultado do exercício apresentou um lucro total de R\$ 225.952,08, equivalente a 40,18% da receita operacional. Por outro lado, as despesas representam 59,82 % da receita.

Trazendo os dados para maior especificidade, encontramos uma receita de R\$ 89,00 a saca e um lucro de aproximadamente R\$ 36,00. Segundo conversa com o proprietário, na qual foi-lhe apresentado o resultado final, o mesmo comentou nunca ter tido uma lucratividade tão alta em toda sua carreira como agricultor.

O atual cenário econômico aumentou o preço de venda da soja e conseqüentemente aumentará os insumos para as próximas culturas. Em virtude do proprietário já ter negociado a compra de todos os insumos necessários para a próxima cultura, ao preço velho, tornou-se vantagem faturar toda a produção durante o período de safra.

Levando em consideração um cenário que aborda o custo de oportunidade, apresenta-se a tabela 12:

Tabela 12

Demonstrativo do resultado do exercício

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO				
		TOTAL (R\$)	HECTARE (R\$)	SACA (R\$)
(=)	RECEITA OPERACIONAL	562.405,26	4.499,24	89,00
(-)	CPV	171.171,00	1.369,37	27,09
(=)	LUCRO BRUTO	391.234,26	3.129,87	61,91
(-)	DESPESAS ADMINISTRATIVAS	30.065,00	240,52	4,76
(-)	DESPESAS FINANCEIRAS	106.285,00	850,28	16,82
(-)	DESPESAS ARRENDAMENTO (24 ha)	26.174,98	209,40	4,14
(-)	OUTROS GASTOS GERAIS	2.757,20	22,06	0,44
(-)	CUSTO DE OPORTUNIDADE (101 ha)	161.980,00	1.295,84	25,63
(=)	LUCRO LÍQUIDO	63.972,08	511,77	10,12

Fonte: produção do pesquisador

Observando a tabela 12, na qual considera-se um cenário em que o proprietário possui somente terra arrendada, observa-se que o lucro do período decaiu aproximadamente setenta e um por cento comparado ao cenário da tabela 11. Apresentando um lucro total de apenas R\$ 63.972,08 e um aumento nas despesas de R\$ 161.980,00 decorrente do custo de oportunidade.

Tendo em vista ambos os demonstrativos do resultado do exercício, nota-se que o cenário atual da empresa é muito mais vantajoso, sendo o grande diferencial as terras próprias. Posto isso, pode-se afirmar que a aquisição das terras foi um investimento que proporcionou maior rentabilidade ao proprietário.

CONCLUSÃO

A agricultura é um dos ramos que mais interfere na economia brasileira e que necessita de uma boa gestão para conseguir suprir os gastos de produção e ainda, os possíveis fatores naturais que independem do produtor e que possam vir a gerar perdas.

Tendo em vista a necessidade de um controle amplo, o presente trabalho objetivou a rentabilidade de soja em uma propriedade rural. No tópico 3.3 encontra-se a representação da análise dos resultados através de tabelas, como também a

elaboração da DRE, a qual apresentou um resultado positivo de aproximadamente quarenta por cento em relação a receita total, enquanto que os custos giram em torno de sessenta por cento.

Os objetivos específicos foram atendidos no capítulo 3.2 com a elaboração de tabelas nas quais encontra-se o levantamento das despesas do período e as receitas auferidas na produção.

Tendo abrangido todos os pontos propostos no presente estudo, construiu-se uma ligação entre a teoria didática e o mundo real, contribuindo para um crescimento profissional, além de aplicar a contabilidade no cotidiano do proprietário, agregando no seu gerenciamento.

Portanto, após a realização do estudo, sugere-se ao proprietário que passe a realizar análises mais aprofundadas de custo, volume e lucro nos períodos sucessores bem como, nas demais culturas exploradas pela entidade agrícola com a finalidade de auxiliar nas tomadas de decisões e no desenvolvimento da propriedade.

REFERÊNCIAS

CANAL RURAL. **Soja**: veja tudo o que você precisa saber sobre a produção no Brasil. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/agronegocio/soja/>> Acesso em: 11 abr. 2020.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural**: uma abordagem decisória. São Paulo. Atlas, 2016.

COSTA, Antonio José de Oliveira. **O poder da agricultura empresarial**. São Paulo. Saraiva, 2007.

EMBRAPA. **Soja em números (safra 2018/19)**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>> Acesso em: 06 dez. 2019.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo. Feevale, 2013.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Agropecuária puxa o PIB de 2017**. Disponível em 1<<http://www.agricultura.gov.br/noticias/agropecuaria-puxa-o-pib-de-2017>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Atlas, 2017.

MARION, José Carlos; SANTOS, Gilberto José dos; SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária**. São Paulo. Atlas, 2009.

MARION, José Carlos. **Contabilidade rural**. São Paulo. Atlas, 1992.

MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SOUZA, Maria Aparecida Grendene de. **Análise do 1º simpósio nacional da soja**. Assembleia Legislativa Do Estado do Rio Grande do Sul, 1973.

SEBRAE. **Cooperativa: o que é, para que serve, como funciona**. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/cooperativa-o-que-e-para-que-serve-como-funciona,7e519bda15617410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SILVA, Rui Corrêa da. **Extensão Rural**. São Paulo. Érica, 2014.

PEREIRA, Matias. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo. Atlas, 2019.

RECEITA FEDERAL DO BRASIL. **INSTRUÇÃO NORMATIVA RFB Nº 1700, DE 14 DE MARÇO DE 2017**. Disponível em: <<http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?visao=anotado&idAto=81268#1706802>> Acesso em: 17 jun. 2020.

RODRIGUES, A. O. et al. **Contabilidade rural**. São Paulo. Iob-sage, 2015.